

Patrícia Di Loreto em “Alegoria Real de três anos na vida de uma artista”.

Texto curatorial de Luciane Garcez e Sandra Makowiecky,
Museu da Escola Catarinense - Florianópolis, SC. Brasil, 2022.

Na exposição “Alegoria Real de três anos na vida de uma artista”, Patrícia Di Loreto nos coloca a testemunhar a permanência da pintura em que revela as subjetividades do seu processo.

O título se refere a uma obra do pintor francês Gustave Courbet (1819-1877), “O estúdio do pintor: uma alegoria real que resume sete anos da minha vida moral e artística” (1854-5), na qual Courbet representa seu ateliê com os personagens emblemáticos que figuraram ao longo de suas pinturas, contando uma história de vida artística em uma imagem a ser desvendada pelo espectador, posto que o próprio título indica: são alegorias. Temos então uma dupla referência já no título da exposição de Patrícia: um artista reconhecido na história da arte, Courbet, que evoca em pintura um período importante em sua vida, os 7 anos mencionados, no seu atelier. Em Patrícia, há menção aos 3 anos em que se vive o evento da pandemia pelo Covid 19, cujos desdobramentos podemos ver nas pinturas desse período deixando que o atelier tomasse conta de sua residência, fazendo com que as composições evocassem sua vivência cotidiana e as pesquisas à que a artista se dedicou.

É sabido que o período pandêmico influenciou a todos, democraticamente, interferindo em todos os setores da vida. E na arte não foi diferente. A exposição é então dividida em dois momentos: pinturas de um mundo onde o convívio social era prolífico, e pinturas onde a pandemia impôs o isolamento e as mudanças de comportamento, criando um cenário inédito em nosso cotidiano.

Patrícia propõe uma revisão de sua poética antes e durante a pandemia, perceptível de maneira sutil em suas telas, cujo colorido pungente é uma marca importante em seu trabalho. Sua trajetória artística revela um mundo de narrativas que engendravam relações interpessoais em cenas que convidavam o espectador a participar de diálogos que se desenrolavam em ambientes por Patrícia, com formação em arquitetura e urbanismo, cujas referências não negam sua experiência passada em cenografia. Com tal pluralidade de vivências profissionais, não é surpresa que suas pinturas ofereçam um cenário vasto em referências, como a atenção dada ao mobiliário apresentado na composição, assim como o cuidado na criação do ambiente onde a cena acontece. As referências sutis ou mais evidentes da história da arte, são uma constante, mas em meio a isso tudo, fala de pessoas, de relações.

Até que chegamos na pandemia. Neste momento, as pinturas de Patrícia evocam o silêncio, o isolamento e mesmo em meio a cenários onde a figura humana desaparece, permanecem seus rastros, seus vestígios, não há solidão. A artista nos dá um vislumbre de sua própria rotina pandêmica, em meio a livros, estudos, pesquisas de outros artistas, e suas próprias telas. É neste mundo que ela mergulha, e é este mundo que ela revela nas pinturas de 2020 em diante. Um mundo povoado por suas referências, vestígios do tempo onde as relações eram físicas, agora as relações são mais conceituais, estão no âmbito do virtual, portanto, suas cenas apenas evocam a presença humana.